

Os gêneros jornalísticos no ensino de jornalismo: uma leitura do documento proposto para as Diretrizes Curriculares¹

Maria Elisabete ANTONIOLI²

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, SP

Resumo

Os gêneros jornalísticos, inseridos no ensino de jornalismo, diversas vezes não estão explicitados nas denominações das unidades curriculares dos cursos, mas diluídos entre aquelas que exploram as técnicas do texto. Da mesma forma, os currículos mínimos impostos pelo Ministério da Educação não declararam os gêneros nominalmente, mas os previram nas disciplinas de cunho prático. Nas Diretrizes Curriculares atuais e na proposta de Diretrizes Curriculares para o curso de Jornalismo, verifica-se que eles constam nas competências que o egresso de jornalismo deve possuir.

Nessa perspectiva, este trabalho procura discutir os gêneros jornalísticos no documento proposto para as Diretrizes Curriculares de Jornalismo e discutir sua importância no ensino.

Palavras-chave

Ensino de jornalismo, Diretrizes Curriculares, Gêneros Jornalísticos.

O ensino de jornalismo, os gêneros e a construção do texto

Os gêneros e formatos jornalísticos estão compreendidos no ensino de jornalismo com a determinação dos currículos mínimos até o ano de 2000 e, atualmente, por meio das Diretrizes Curriculares atuais. Se os gêneros não estão formalmente declarados nas normas da legislação, é possível encontrá-los, ainda que implicitamente, em todos os conteúdos cuja finalidade de aprendizado seja o fazer jornalístico, isto é, em todos os conteúdos voltados à redação e técnicas de reportagem jornalística.

As Diretrizes Curriculares propostas pela Comissão, instituída pela Portaria Ministerial nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009, cuja presidência ficou a cargo do professor José Marques de Melo, também chama a atenção sobre os gêneros no curso de jornalismo quando diz que: “os conteúdos da atualidade, veiculados pelos gêneros jornalísticos são, em esmagadora maioria, ações discursivas de sujeitos que agem no mundo

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, durante o XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo e pós-doutoranda na mesma instituição. Atualmente é coordenadora e professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP.

e sobre o mundo por meio de acontecimentos, atos, falas e/ou silêncios” (Diretrizes Curriculares para o curso de Jornalismo 2009:4).

No relatório apresentado pela Comissão, os gêneros e os formatos jornalísticos constam das competências pragmáticas quando está explicitado que o jornalista deve conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos. Além das competências pragmáticas previstas nessas diretrizes, os conteúdos de cunho profissional também se dirigem aos gêneros, pois segundo a Comissão: eles têm por objetivo embasar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com o universo dos processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, fomentando a investigação dos acontecimentos relatados pelas fontes, bem como a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, como os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas. Assim, verifica-se que, na própria atividade jornalística, o gênero é determinado nas relações diretas ou indiretas da produção e, portanto, estão inseridos no discurso final, quando o material jornalístico é publicado, seja ele informativo, interpretativo, opinativo, diversional ou utilitário, como considera, atualmente, Marques de Melo (2010).

No início da década de 1980, Marques de Melo, partindo dos estudos efetuados por Beltrão de 1969, 1976 e 1980, que identificou os gêneros informativo, interpretativo e opinativo –, elaborou uma pesquisa sobre gêneros jornalísticos e identificou, como gênero informativo, a nota, a notícia, a reportagem e entrevista; como gênero opinativo, identificou o editorial, o artigo, a resenha, a crônica, a caricatura, a carta, o comentário e a coluna.

Marques de Melo acrescentou os gêneros interpretativo, diversional e utilitário, ao afirmar que eles surgiram na passagem para o século XXI (2010). Os três gêneros incorporados na nova classificação ocorreram a partir de uma revisão que o pesquisador recentemente efetuou em seu trabalho anterior. Como gênero interpretativo, identificou: análise, perfil, enquête, cronologia, dossiê. Como gênero diversional: historia de interesse humano e historia colorida. Como utilitário: indicador, cotação, roteiro e serviço.

No documento referente às Diretrizes, a Comissão aponta entre as competências do profissional as seguintes: organizar pautas e planejar coberturas jornalísticas; produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção, e ser capaz de editá-los em espaços e períodos de tempo limitados; perseguir elevado grau de precisão no registro e na

interpretação dos fatos noticiáveis; contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade, agregando-lhes elementos de elucidação necessários à compreensão da realidade; dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição, produção, edição e difusão; traduzir em linguagem jornalística, preservando-os, conteúdos originalmente formulados em linguagens técnico-científicas, mas cuja relevância social justifique e/ou exija disseminação não especializada; dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação.

É interessante destacar, em um primeiro momento, que todas essas competências são de natureza profissional, pois estão vinculadas à ação jornalística e, por isso mesmo, o egresso em jornalismo necessariamente precisa reconhecer o relato que está produzindo e saber aplicar as técnicas redacionais apropriadas. Portanto, é preciso um completo discernimento sobre elas.

Marques de Melo (2010:23) faz uma crítica ao considerar que existe uma lacuna, quando os jovens encontram resistência no mercado de trabalho, por desconhecerem, em sua grande maioria, as especificidades do relato jornalístico e “de sua aderência a um sistema que os diferencia por gêneros, formatos e tipos, determinados pelos antigos e novíssimos suportes”. E, nas competências do profissional, previstas nas Diretrizes para o curso de Jornalismo, verifica-se a importância do conhecimento dos gêneros para que o relato jornalístico tenha sua eficiência declarada.

Na elaboração da pauta já é possível desenhar qual a especificidade do relato que deverá ser produzido. Erbolato (2003) comenta sobre reportagens inspiradas em um modesto anúncio classificado. O autor observa, ainda que, para o cumprimento de uma pauta, recorre-se a entrevistas, pesquisas e arquivos. Lage (2004) comenta que a pauta tem como primeiro objetivo o planejamento da edição. Dentre outros objetivos, o pesquisador diz que ela garante a interpretação dos eventos menos imediata e, nos jornais, ela viabiliza a realização de pesquisas prévias para ampliar uma cobertura.

No planejamento da cobertura, o gênero proposto já deve ser observado, haja vista as especificidades que dele deverão ser extraídas. E é na apuração dos fatos, como diz Bahia (1990:67) que está a essência do jornalismo. De acordo com o autor, é o levantamento mais completo de dados e circunstâncias de um episódio que seja possível.

Ele precisa saber apurar, pois na apuração também residem os elementos de correção, da veracidade, da complexidade, da objetividade, da exatidão, da credibilidade e das atualidades ou da novidade da notícia. Portanto, elementos constantes do relato de determinado gênero jornalístico estão, também, na apuração.

O texto, como diz Bahia (1990), é uma parte da atividade profissional, e para um bom relato é preciso uma boa apuração. O autor destaca os elementos úteis ao conteúdo das notícias, com o objetivo de completá-las e valorizá-las: apuração, correção, concisão, pesquisa, interpretação e seleção. A correta apuração é um elemento essencial para a construção da notícia e, mesmo ocorrendo em fase anterior, é quem determina o conteúdo a ser veiculado. Como bem observa Pereira Júnior (2006:16), “ao desafio da apuração de informação, se impõe também o desafio do relato”.

Produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção, e ser capaz de editá-los em espaços e períodos de tempo limitados é uma competência inerente ao jornalista e consta em qualquer relato produzido, pois são questões que fazem parte de qualquer gênero jornalístico. O texto informativo, a partir do enunciado do lead, deve ser composto por meio de uma construção de sequências narrativas em ordem decrescente que, ao final, traduza o fato jornalisticamente. É uma construção metodológica e a notícia, considerada a matéria prima do jornalismo.

Conforme Lage (2003), a notícia, de acordo com sua estrutura, é definida como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante. Para ele, não é exatamente narrar um fato e sim expô-lo. Ele faz, ainda, uma comparação entre narrativa e notícia: narrativa, gênero literário fundamentada no épico, ou seja, é organizada por meio de uma sequência temporal de eventos; notícia, sequência elaborada pela importância em ordem decrescente. Esse raciocínio leva em consideração a pirâmide invertida e a técnica do lead, ou seja, o primeiro parágrafo do texto.

Com a mesma importância ocorre a reportagem, que procura ir além da notícia, quando contextualiza, busca novas angulações, traz referências diversas e procura avançar no relato, requerendo do profissional as mesmas técnicas jornalísticas para sua produção. Nesse sentido, reitera-se a competência prevista no documento das diretrizes que menciona: contextualizar, interpretar e explicar informações relevantes da atualidade, agregando-lhes elementos de elucidação necessários à compreensão da realidade.

As entrevistas, inseridas no gênero informativo, de acordo com Marques de Melo (2010), são denominadas por Bahia (1990) como reportagens provocadas. Constantes no jornalismo nos diversos suportes, exigem do jornalista conhecimento sobre o assunto que será abordado, firmeza nas perguntas, atenção e exploração de detalhes. E, ao final, o texto necessita expressar e dimensionar com clareza as declarações apreendidas durante a entrevista. É preciso fidelidade no relato da entrevista. Bahia (1990:60) observa que a dimensão literária da entrevista não conflita com a dimensão jornalística, afirmando que ela não é a correta noção do gênero que o jornalismo atribui à entrevista. Para ele “ainda que uma entrevista saia das páginas de um jornal ou de uma revista, do rádio ou do vídeo para o livro, ela é basicamente notícia”. Ainda de acordo com o autor, a entrevista tem características múltiplas. Ela é reportagem quando serve de apuração, pode ser realizada a partir de uma notícia ou ser independente.

A opinião, publicada nos jornais diários, principalmente nos artigos, editoriais e colunas, exige do profissional conhecimento do assunto defendido e argumentação. Portanto, o repertório é parte fundamental dessa narrativa. Há que se pensar no domínio da técnica, da argumentação e da narração. No caso, é importante que o aluno tenha o domínio do gênero informativo para que, no momento da opinião, ele já tenha conhecimento prévio da distinção entre os dois. Marques de Melo (2009) salienta no gênero opinativo a resenha, que normalmente é publicada nas revistas culturais e nos portais acadêmicos. Também se refere à coluna, como uma estrutura composta de pequenas notas de opinião.

O gênero diversional, de origem norte-americana – originado possivelmente no movimento denominado *New Journalism* –, é conhecido, também, como Jornalismo Literário. Tem em Truman Capote e Gay Talese seus autores mais conhecidos em nível mundial. De acordo com Assis (2010:151), “o gênero diversional corresponde a conteúdos destinados à distração do leitor, mas ao mesmo tempo, em nada deixam a desejar em termos de veracidade das informações reportadas”. Ainda, de acordo com o autor, esse gênero não está apenas no jornal impresso ou revista, mas em veículos eletrônicos e digitais.

Esse gênero se fortaleceu nos últimos anos nos cursos de jornalismo, por meio de conteúdos específicos, e ainda, com ênfase nos Trabalhos de Conclusão de Curso que os discentes desenvolvem geralmente no último ano. Há um interesse crescente dos alunos na

escolha de livros para o TCC e diversos, do gênero diversional, são escritos e chegam à publicação.

Já o gênero utilitário, comumente conhecido como jornalismo de serviço, é comum em todos os suportes midiáticos. Alcança temas que vão da meteorologia, educação, saúde, economia ao trânsito, por exemplo, e faz parte da mídia nacional em escala crescente, tendo em vista a colaboração que oferece ao cidadão, com informações do interesse de seu cotidiano.

Vaz (2010) recorda os formatos que Marques de Melo dá ao gênero utilitário: Indicador: dados para decisões cotidianas, como trânsito, meteorologia. Cotação: dados para mercado, como monetário e industrial. Roteiro: dados ao consumo de bens simbólicos. Serviço: dados referentes ao serviço público e privado.

Tendo em vistas as características do gênero, é comum no ensino de jornalismo, que ele seja oferecido logo na fase inicial em que o aluno começa o exercício da ação jornalística. A prática desse gênero, embora comum a qualquer suporte, tem no rádio atualmente, uma forte sustentação, principalmente com o favorecimento das novas tecnologias que agilizam a prestação de serviços à população. São informações sobre o trânsito, serviços públicos diversos como hospitais, postos de vacinação e tantos outros que, são praticados pelos alunos experimentalmente, também, na disciplina radiojornalismo.

Seixas (2009) afirma que “aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos”. Para ela isso significa, também, o conhecimento sobre as competências empregadas para a realização da atividade, desde a produção à publicação do produto. Nessa mesma perspectiva, se insere a preocupação de que os gêneros jornalísticos estejam realmente comprometidos no ensino de jornalismo, a partir da estrutura curricular, conteúdos, objetivos e competências previstos nos Projetos Pedagógicos dos Cursos e, conseqüentemente, na ação pedagógica do professor.

A formação do aluno de jornalismo

Atualmente, nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, a construção do currículo é orientada pelas das Diretrizes Curriculares, mas a responsabilidade da formação do egresso

é exclusiva do curso. Assim, é necessário que o Projeto Pedagógico seja desenhado com vistas a atender a todas as competências que o jornalista deve ter na sua ação. Nesse sentido, é também, imprescindível que os gêneros jornalísticos, além da constância, estejam distribuídos de forma ordenada nas séries do curso, ou seja, que haja uma distribuição taxionômica desses conteúdos para que o aluno adquira os conhecimentos necessários referentes ao fazer jornalístico progressivamente. Essa necessidade, leva em consideração, ainda, outros conteúdos oriundos do embasamento das ciências sociais, das ciências da comunicação, das normas deontológicas e da postura ética que devem prevalecer na formação do egresso.

A formação do aluno de jornalismo ocorre por meio da assimilação de diversos conteúdos, oriundos de ciências diversas, e os gêneros jornalísticos são fundamentais, pois eles constam desde o momento da criação até o produto finalizado e veiculado. Claro, sempre com o objetivo, independente do gênero, de que este produto final seja elaborado de acordo com o interesse público.

Nem todas as instituições denominam suas disciplinas ou unidades curriculares exatamente como Gêneros Jornalísticos, mas eles estão, como já foi dito, diluídos em outras disciplinas tais como: Linguagem Jornalística, Pesquisa e Técnicas de Reportagem Jornalística, Oficina de Produção de Textos, Jornalismo Opinitivo, Redação e Edição, Hipertexto, Criação de Texto Jornalístico, Jornalismo Literário, Redação e Estilo, Redação Jornalística, Redação, argumentação e linguagem, Jornalismo On-Line, Jornalismo Especializado, Jornalismo das Grandes Reportagens e tantas outras que tratam de um ou mais gêneros.

Devem ser mencionados, ainda, os gêneros do radiojornalismo, do telejornalismo e do ciberjornalismo, pois o aluno também deverá exercitar sua práxis jornalística nesses veículos durante o curso, ainda que em caráter laboratorial. Em todas essas unidades curriculares e outras aqui não identificadas, os gêneros estarão contemplados na veiculação do produto jornalístico, quer seja pelo suporte televisivo, radiofônico ou pela web ao informar, interpretar opinar, prestar serviços ou ainda por meio de conteúdos que distraem o leitor, previstos no gênero diversional.

Gêneros jornalísticos são conteúdos que levam ao conhecimento, à técnica, à produção e a reflexão e, todos esses elementos, devem estar sintonizados nas competências

do egresso. É preciso conhecer, é preciso dominar as técnicas e é preciso produzir. Entretanto, o trabalho final não está concluído neste terceiro elemento, pois a reflexão sobre a produção é fundamental no processo. Quando o aluno passa a refletir sobre sua produção durante o curso, por meio do estímulo docente, muito provavelmente continuará fazê-lo durante sua vida profissional. E, nesse sentido, o papel do professor é de extrema relevância, pois é ele quem, nesse momento, conduz a ação pedagógica.

É preciso preencher a lacuna apontada por Marques de Melo, em seu comentário acerca do desconhecimento que jovens têm sobre as especificidades do relato e suas diferenças por gêneros. No caso, as escolas são, também, responsáveis por essa questão, pois durante o curso todos os conteúdos de formação devem estar assegurados no currículo e pela ação docente.

Considerações finais

As escolas de jornalismo se constituem na via natural de formação do jornalista. São sessenta e cinco anos de ensino de jornalismo no Brasil e as discussões sobre a formação do egresso contribuíram, não há dúvida, para a legitimação da educação jornalística superior. São as preocupações com o desenvolvimento dos cursos que corroboram para a busca da qualidade do ensino e, no caso dos gêneros jornalísticos, se constituem também em uma abordagem de discussão para aqueles que se dedicam ao estudo da formação do egresso, por meio dos conteúdos de formação e currículos dos cursos.

O país se desenvolve, a sociedade está cada vez participativa, como deve ser em um regime democrático, e o jornalismo tem um papel fundamental nesse processo. A produção do jornalismo deve estar de acordo com o interesse da sociedade sempre; e essa é uma constatação que o aluno percebe assim que chega à universidade. Portanto, a qualidade da informação jornalística é parte integrante do desenvolvimento do estudante e, no caso, as escolas de jornalismo são as responsáveis pela formação do profissional.

Referências

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Ensino de jornalismo e legislação educacional**. São Paulo: L'Editora Publicações, 2006.

ASSIS, Francisco de. Gênero diversional. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. v. 2. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2009.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura na notícia**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: _____; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. São Paulo: Vozes, 2006.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom, 2009.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero utilitário. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.